


VISÕES DE HOJE



Hidoro Martins Junion

VISÕES DE HOJE

2.^a EDIÇÃO

Completamente refundida e accrescentada
de uma *Synthese Artistica*.

Laboremus et progrediamur.



PERNAMBUCO
TYPOGRAPHIA APOLLO
1886

A

Thomaz Gomes da Silva



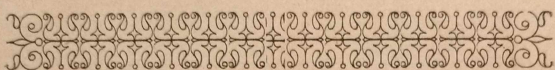
A'

HONRADA MEMORIA

DE MEU AVÔ

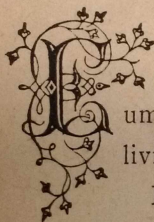
VICTORINO ANTONIO MARTINS





LINHAS EXPLICATIVAS

(DA 1.^a EDIÇÃO)



um ensaio de poesia moderna, este livro.

Melhor : Estes versos são um ensaio de *poesia scientifica*.

A razão de ser delles, ou a justificativa dessa tendencia que lhes assignalo, é esta :

A Arte de hoje, creio, si quizer ser digna do seu tempo, digna do seculo que deu ao mundo a ultima das seis sciencias fundamentaes da classificação positiva, deve ir procurar as suas fontes de inspiração na Sciencia ; isto é : na generalisação philosophica estabeleci-

da por Augusto Comte sobre aquelles seis troncos principaes de todo o conhecimento humano.

E' para mim um principio assentado, que ao estado definitivo de positividade a que chegou a mentalidade do homem civilisado, corresponde presentemente, no dominio do sentimento, esta escola de poesia — a scientifica.

Mas note-se : Na applicação desse principio eu não vou até o ponto de accetar a Sciencia metrificada, posta em versos, como o alvo a que se dirige a modernissima feição poetica introduzida na França por M.^{me} Akermann.

Não ; penso á esse respeito com Luiz Magalhães, (o autor dos *Primeiros Versos*, publicados o anno passado em Portugal) o qual reconhecendo que as dissertações scientificas na poesia produziriam o didacticismo, repelle-as, para só se inspirar na corrente geral do pensamento novo...

Eu não quero, por consequencia, a Poesia arvorada em compendio, o Verso feito mestre de pedagogia.

Entendo que modernamente ella, a Poesia, deve ser scientifica ; mas scientifica debaixo deste ponto de vista, deste modo :

— Sentindo o influxo da concepção philosophica do universo que domina em seu tempo ; enunciando as verdades geraes que decorrem para a vida social dessa concepção ; mas vestindo sempre os seus ideaes com as roupagens iriadas das faculdades imaginativas, e nunca deixando de obedecer á emoção poetica que dá nascimento á obra d'arte.

Ou antes : Quero a poesia contemporanea alimentando-se dos sentimentos philosophicos da nossa epocha, mas cantando-os sem *tratadisar* (seja-me licito empregar esse termo), no poema ou na ode, uma sciencia particular ou uma ordem de conhecimentos especiaes.

E' tambem isso, pouco mais ou menos, o que parece querer indicar G. Wirouboff quando affirma, tratando na *Revue de Philosophie Positive* do *Brahma* (um poema ultimamente apparecido em Paris), que — a poesia scientifica de Akermann não se nutre de idéas desta ou daquella seita philosophica, mas sim de *sentimentos modernos*.

Assim apadrinhado, pois, eu posso dizer que este livro que ahi vae é um ensaio de poesia scientifica, sem ser um punhado de apostillas rimadas, didacticas, seccas...

E como era isso, só isso, o que eu queria explicar nestas poucas linhas de prefacio, deponho aqui a penna e entrego á Critica as *Visões de Hoje*.

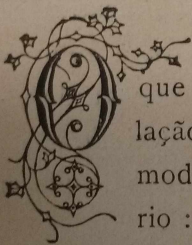
A critica que as julgue, que as inspeccione, que as anime ou que as mate.

Isso me importa pouco, de resto.

Junho de 1881. — Recife.



NOVAS LINHAS



que eu pensava em 1881 com relação á *Poesia Scientifica* não se modificou para menos. Ao contrario : robusteceu-se e alargou-se.

No terreno da Poetica, as minhas idéas de hoje são o desenvolvimento das minhas opiniões de outr'ora, isto é : das minhas convicções formadas de 1880 em deante.

E tanto assim é que, entendendo dever dar mais consistencia e relevo ás minhas theorias litterarias, na parte concernente á luminosa provincia da Arte escripta e metrificada, preparei e fiz publicar em fins de 1883

um pequeno livro de critica e de propaganda, ao qual dei o titulo seguinte : *A Poesia Scientifica*.

Nesse lacunoso, mas convencido e sincero trabalho, eu não só justifiquei a minha crença na necessidade e na exequibilidade da formula poetica que advogo, como propuz, tambem, a dupla denominação qualificativa de — *scientifico-philosophica* — para a referida Poesia. Com o segundo termo dessa denominação indicava eu o character anti-didactico da minha intuição ou do meu modo de querer os versos scientificos.

E publicado o opusculo a que alludo ; percorrido, depois disso, um grande lapso de tempo ; não vejo nem presinto em minhas doutrinas transformação alguma. A *poesia scientifico-philosophica*, vasada nos rijos moldes artisticos de Berthezène, Sully-Prudhomme e Lefèvre, continua á ser, quanto á mim, a unica feição possivel para a emocionalidade moderna.

Não importa que os protestos surjam á cada instante, ou que á cada instante os criticos de mediocre visão intellectiva busquem encontrar na Sciencia e na Poesia incompatibilidades insondaveis.

A Sciencia não é só o estudo dos phenomenos ou dos factos por meio de instrumentos materiaes como a regua, o compasso, o telescopio, o barometro, a retorta ou o bisturi ; é tambem, e principalmente, o estudo das leis que regem os referidos factos e phenomenos, por meio dos grandes instrumentos moraes da inducção e da deducção, da observação e da experiencia, da analyse e da synthese, da comparação e da filiação. Não ha somente o *concreto* nas indagações scientificas ; ha tambem o *abstracto*, que é o factor da philosophia, isto é : da verdadeira *sciencia* de conjuncto.

E desde que assim é,—ao lado das generalisações scientificas ha logar para as idealisações rimadas dos bons artistas.

Demais, essa modalidade da Poetica que eu procuro fazer conhecida e predominante, offerece aos que a estudam uma ontogenése brilhantissima, na qual, abstrahindo dos artistas contemporaneos, se pode notar os nomes e os trabalhos de LUCRECIO, de ANDRÉ CHENIER, de GÆTHER, de FONTANE, de LE BRUN e de DELILLE.

E,—é preciso convir—uma escola litteraria que tem tido creadores dessa ordem, corporaturas gigantescas como as que acabo de citar á constituirem-lhe os principaes troços do edificio ; uma escola assim principiada á architectar — não pode deixar de vir a ter um futuro illuminado e fecundo.

*
* *

A's *Visões de Hoje*, onde o estylo e o metro são uniformes e a acção nada tem de dramatica, hei de fazer succeder, em breve, um outro poema intitulado *Evolução*, dramatisado e muito mais extenso, em cujo persona-

gem principal eu procuro salientar uma comprovação, ou antes, uma manifestação da *lei dos tres estados*. Nessa obra ensaio todas as *manières* poeticas : os versos classicos, os romanticos, os naturalistas e os philosophicos.

Será uma outra tentativa de *poesia scientifica*, em um quadro mais amplo e mais pacientemente trabalhado do que o deste livro.

IZIDORO MARTINS JUNIOR.

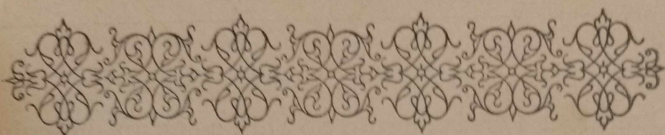


INTRODUCCÃO

Mais gouffres! Laissez-moi, quel que soit le chemin,
M'évader d'un coup d'aile étrange et surhumain
Et m'enfuir, et chercher la justice étoilée!

VICTOR HUGO—*La Pitié Suprême.*





INTRODUÇÃO

FLLA me appareceu correcta e flammejante :

Vestia simplesmente a tunica vibrante
Das austeras Judiths, das rubras heroínas,
Que nas mãos ideaes, nervosas, pequeninas,
Empunhavam outrora as lanças e as espadas.

Tinha :—No largo olhar scintillações iriadas ;
Sobre a regia cabeça uma abundante coma
Anegrada : da côr das saturnaes de Roma.

Um rebelde barrete, erecto, escarlate,
Dava-lhe á testa grega uns *longes* de rebate.

Surgiu em minha frente á hora do crepusculo :
Quando a Terra põe luto e o Sol é como um musculo
Cortado, á ensanguentar o marmore do espaço.

Trazia em seu perfil, de uma pureza de aço,
Os traços marciaes, profundos, puritanos,
Que ha nos bustos senis dos deuses espartanos
E nas telas pagans, onde se encontra athletas
Brandindo herculeamente envenenadas settas.

Era uma alta mulher serena e gloriosa
Como essas creações da idade esplendorosa,
Artistica, immortal, chamada Renascença,
As quaes tinham vigor e uma bondade immensa
Nas linhas sensuaes, nitidas, varonis.

Havia em toda ella a frescura do liz
E a forte magestade athletica do mar.

Na purpura do labio andava-lhe á pairar,
Como um astro no azul, o beijo côr dos sóes
Que serve p'ra estrellar a testa dos heróes.

E quando me avistou curvado e pensativo,
De pé, no negro chão, como um derviche esquivo,
Ou como um menestrel sombrio e lacrimoso...
Ella veio p'ra mim n'um passo harmonioso
Cheio de intrepidez, como o passo da Historia.

Lembro-me muito bem.

A tarde merencoria
Morria nesse instante. Ia p'ra sua valla,
Levando sobre o corpo um vestido de opala
Que lhe fizera o Sol com uns ultimos clarões.
As nuvens, no horisonte, eram como visões
Ossianicas, febris. O ermo não tinha fim...

E então, essa mulher poz-se á fallar-me assim,
Com uma ternura rara e maternal e funda :

“O' filho scismador da America fecunda !
O' moço entristecido ! Eu sou a nova Musa,
Que anda como uma luz electrica, diffusa,
Dourando em toda parte os cerebros modernos
E abrindo os corações aos canticos eternos

Vibrados no alaúde enorme do Direito.
Encara-me sem medo. Enterra no meu peito
A tua funda vista insaciada, ardente,
Como faz-se ao metal na forja incandescente !
Acerca-te, mancebo. Eu sou a trovadora
Extrenua do Futuro, e fui a lutadora
Que fez Rouget de L'isle e fez a Marselheza
Quando abriu-se na França a cova da Realeza !

“Tu és poeta, eu sei. Bem vejo no teu rosto
Os vestígios sem fim desse risonho imposto
Que a ferrea natureza, em impetos insanos,
Cobra aos craneos que têm apenas vinte annos.
Mas... tu não cantas mais as tenras sensitivas
Humidas como um beijo, e as seducções lascivas
D'uma amante gentil, pallida como a lua,
Cujo seio redondo a gente vê que estua.
Tu és poeta, sim. Mas teus honrados versos
Não andam por ahi chorosos e dispersos
Nos torpes camarins, nos cestos de costura,
Ou no regaço vil de alguma dama impura.

“Pois bem. Eu quero dar á tua inspiração
Um vigor semelhante á força de Sansão
Quando abalou sosinho os porticos do Templo.
Da tua lyra san quero tirar o exemplo
Luminoso, viril, da côr do rosiclér,
Que chame teus irmãos á faina do Dever,
E seja ao mesmo tempo um forte magnete
E o grito de um protesto e a marca de um ferrete !

“Mas para isso tens, poeta, de me ouvir ;
Tens de me obedecer e tens de me seguir
Como nuvem que vae aonde o vento a chama,
Ou criança que corre á doce voz da ama.

“Escuta-me, portanto. Eu não sou simplesmente,
Com o meu corpo de bronze e o talhe meu valente,
A Musa senhoril, épica, estrugidora,
Dos hymnos de combate alegres como a aurora
Que as novas gerações dos povos subjugados
Atiram para o ar, como grilhões quebrados.
Eu represento o Ideal e sou tambem a gloria.
Tenho as fascinações nervosas da victoria

E veem-se em meu seio os tons angelicaes
Das cousas juvenis, sonoras, immortaes,
Que desde o Ramayana e desde Homero e Dante
Mostram em todo o mundo a face triumphante !

“A minh'alma, poeta, é como esse estandarte
Azul, bordado á ouro, aberto em toda parte,
Que ora dá-nos o albor das lours alvoradas
Ora a pallida luz das noites constelladas.

“E como essa bandeira esplendida do Céu,
Tambem eu na minh'alma immensa, sem um véo,
Reúno muito astro e muita nebulosa.

“—E' que eu sou afinal a synthese assombrosa
Das mais nobres paixões viris da Humanidade :
A synthese do Amor, do Justo e da Verdade !”

.....

E a Musa se calou. Seus olhos de vidente
Tinham no fogo extranho o aspecto imponente

Dos prophetas da Biblia annunciando aos povos
Que Deus ia mandar flagellos brutos, novos.

Eu ficara de pé.

No espaço a escuridão
Abrira a vasta aza espessa de carvão.
A noite havia já tombado impenetravel,
Brumosa como a Fé, negra como o Insondavel.

E eu disse, inda surprezo e quasi que tremendo,
A' figura immortal que estava em face vendo :

—Sei muito quem tu és, mulher formosa e bôa !
Conheço-te de a muito, impavida leôa
Cheia de virgindade e de energia cheia !
Tu és a POESIA, a magica sereia
Do mar do Coração, do mar do Sentimento,
A qual tem por missão, sem perda de um momento,
Nadar, nadar, nadar, como Leandro fêl-o
Até trazer na bocca a perola do Bello !
Reconheço-te agora. E's mesmo a Musa de hoje,

A casta vivandeira estoica que não foge
Das batalhas crueis travadas todo dia
Contra as hostes ruins da velha tyrannia,
Contra o dogma, a treva e os negros despotismos
Feitos p'ra transformar as almas em abysmos !
Eras tu que eu sentia, as vezes, perpassar
Com a frente louros só e o corpo só luar,
Nos meus sonhos de luz, extensos como prados,
Repectos de visões e de insectos dourados.

.....
Sim. Não me engano, não. O mesmo ar celeste,
A mesma vasta frente, a mesma longa veste !

Eú conheço-te até mais do que pensas, Musa !
Desde menino eu vejo a tua sombra escusa
Passar e repassar no lago do ideal,
Em cuja mansidão iriada, de crystal,
Eu gosto de ir olhar as concentradas scismas
Da agua toda paz, toda doçura e prismas.
Em pequeno eu já via a tua branca imagem
Na onda, no vergel, na estrella, na paysagem,
Nos amores pueris, nos risos, nos folgares,

E agora encontro-a sempre em todos os logares
Onde ha que levantar um corpo da miseria,
Fazer jorrar a luz, fazer bater a arteria
Da honra, do valor, do trabalho e da vida,
Esses factores bons de toda grande lida !

Sim. Conheço-te mais do que tu pensas. Olha :
Sei onde foi teu berço e sei que orvalho molha
As pet'las do teu seio, ó radiosa flor ! . . .

—E' o orvalho do Bem, o orvalho abrazador
Que fecunda, cahindo, os peitos dos gigantes
Os peitos de Titan, claros como os diamantes.
Não me admira, pois, ó Musa ! que viesses
Até mim, me apontar as copiosas messes
Que se tem de fazer no campo do futuro,
Agora que está grande e louro e está maduro
O trigo de que faz-se o pão da Liberdade !
Ha muito já que eu sei da fervida amizade
Que tu sagras, ó Deusa, aos moços do presente,
Que não se deixam ir na turbida corrente
Do Interêsse, do Mal, e vão cantando alto
As canções do Direito, e pisam sob o salto
As miserías do Crime e os crimes dos governos !

Ha muito já que eu sei dos sentimentos ternos
Que nutres dentro em ti por esses visionarios
Cujos cerebros são os rútilos sacrarios
Dessa hostia que tem por nome—Inspiração,
O' formosa mulher ! Teu bello coração
E tu'alma viril são como um vasto manto
Incombustivel, crú, formado de amianto,
Onde ajuntas o fogo, as chammas das idéas,
As estrophes febris das novas epopèas,
E tudo que ha de são na vida, na saude
De tua doce amiga—a rosea Juventude !

Tu nasceste no espaço, ó minha Musa meiga !
Teu berço teve a côr purissima da veiga
Quando tremem na relva as lagrimas da chuva,
E um raio do bom sol, como uma fina luva
De ouro, cobre o setim da flor aljofarada.
Vieste ao mundo no ar, na amplidão azulada ;
Fôram os teus avós o ether e a vastidão ;
Nasceste, emfim, da luz de uma constellação
Batendo no aço nu do peito de um heróe !

Teu berço é, pois, sem fim. Não cahe, não se destróe
Como os lares dos mais, que ruem na poeira
Sob o sopro do Tempo ou guerra carniceira.
Nem tu podias ter a sorte que nós temos,
Nós—os homens, os vis que rimos e soffremos.
Tu, serena visão, ó branca filha d'Arte,
Não podes te prender, não podes limitar-te
No pequeno pedaço estreito de uma terra!
Um genio como o teu se estende ; não se encerra.
Por isso, tu que tens por patria todo o mundo
E pela Humanidade o forte amor profundo
Que tanto incendiava o cerebro de COMTE,
Por isso—viste a luz em cima do horisonte
N'um leito oriental de rendas purpurinas,
Tendo por ama a Aurora, as nuvens por cortinas.
E' que pedia um céo, para voar, tua aza
Ligeira como a flecha e leve como a gaza !
E' que, p'ra mergulhar, teu negro olhar bemdito
Precisava da alvura immensa do infinito,
Onde ha palpitações frescas de madrugadas
E ha gottas de sereno e ha cousas encantadas !

Já vês, Musa, que eu sei a tua historia toda.
Essa augusta missão, essa tarefa douada
Que impuzeste á ti mesmo, esse trabalho enorme
De andar sempre a espiar a cabeça que dorme
O somno da indiff'rença, afim de a despertar,
Afim de a sacodir ao prodigioso mar
Do Seculo e da Luta,—o mar cujas marés
São feitas de talento e feitas de laureis ;
Essa missão sublime, ó Musa, é muito santa
Para que eu não lhe dê tanta energia quanta
Exista no meu ser !

Eis-me prompto, portanto,
A ouvir a tua voz, que me parece o canto
De uma ave matinal, contente de seu ninho,
Que solta na mangueira, á margem do caminho,
Um threno crystalino em notas poderosas,
Emquanto passam, rindo, as turbas descuidosas.

—Disse isto e emmudeci. Logo em seguida então,
ELLA poz-me na face o humido clarão
Dos seus olhos eguaes a dois brilhantes pretos,

Mysteriosos como a *vis* dos amuletos,
E tornou-me a fallar. Fallou desta maneira,
O labio á coruscar, a testa sobranceira :

“Poeta ! Alguma vez, de pé sobre o Presente,
Observaste o oceano indomito da Historia ?
Trouxeste alguma vez á barra da Memoria
Esse redomoinhar electrico de gente

“Que vem desde o viver lacustre das cavernas
Onde os primeiros paes arrastavam-se nús,
Até as eclosões das epochas modernas
Em que a Sciencia é mais serena que Jesus ? . . .

“Já mergulhaste o olhar nesse Amazonas de almas
Que tem por vagalhões povos e pensamentos,
Craneos de pensador, guerras e monumentos,
E que entre os temporaes tem largas ondas calmas?

“Talvez. Mas não notaste a LEI que faz perenne
O bronco estrepitar das vagas mugidoras,

Nem viste o *agente* bom que rege as aguas louras
No seu giro veloz, no seu correr infrene.

“Pois existe essa LEI. Bem como o velho mar,
Que obedece á attracção das phases do luar,
Tambem o mar da Historia está sujeito ás leis
Immutaveis, fataes, que a Natureza fez
Desde a elaboração do cosmos, do universo,
Quando o poema da vida apenas tinha um verso !

“A torrente sem fim da vida social
Obedece tambem ao cunho universal
Dos actos da Materia, ó meu ardente poeta !
Por isso a Historia vae, veloz como uma setta,
Atraz do seu futuro, atraz do seu destino,
Cavando muita vez seu leito em desatino ;
Mas não pode furtar-se á LEI DA EVOLUÇÃO
A qual tem o vigor selvagem d’um leão
Sustendo n’uma garra a preza palpitante !
Essa Lei soberana é o facto dominante
Daquelle extenso mar, daquelle vasto oceano
Onde cresce o coral do pensamento humano,

E é ella quem dirige a cega Humanidade
Pela estrada do Bem cheia de claridade,
N'um rubro turbilhão dynamic, espumoso !

“Eu sirvo esse *principio* :—a Evolução. Repouso
Em seu potente ser e bebo vida nella.
Foi ella quem collou na minha fronte a estrella
De Musa do Porvir, e é só porque ella o quiz
Que eu ando a fabricar estrophes—bisturis
Para anatomisar o cadaver do Mal !...

“Mancebo ! Evoluir é a regra mais geral
De toda a natureza. Inelutavelmente
Tudo dobra, esse verbo.

E pois que é elle o agente
Que impelle p'ra deante a Mole do Progresso,
Acompanha-lhe a acção ! Abre o sendal espesso
Desse *meio* em que estás ! Segue-lhe a trajectoria !

“Por isso eu referi-me á lei que rege a Hi-storia.

.....

.....

*
* *

“Eu vim ao teu encontro, ó corajoso moço,
Para fallar a ti da tua Patria. Eu ouço
Vibrar por cima della, impertinente e longa
Como a voz de metal da estridula araponga,
A rubra chicotada estúpida, aviltante,
De um fero despotismo hypocrita, infamante,
Que esmaga em seus anneis a terra de teus paes
Como aperta uma cobra os tenros animaes
Nas suas roscas vis, quando a sacode a fome.
Eu sinto no meu ser uma affeição sem nome
Pela terra da luz, pela pujante America,
Esse querido chão de uma opulencia homerica
Aonde antigamente os Incas, hoje extinctos,
Iam, com velho ardor, sobre os altares tintos,
Seguidos dos seus reis, orar ao grande Sol...
Estou sempre á recordar o rutilo pharol
Que o Mexico accendeu antes de Montezuma
Ao pé dos seus volcões, onde ondulava a pluma
Da civilisação quebrada por Cortez,
E vem-me Bolivar á mente toda vez

Que eu vejo os Andes nus, firmes nos seus granitos,
Perfurarem o azul, como os aerolithos !

“Assim, quando n’um dia um tumido gemido,
Partido deste chão, roçou-me pelo ouvido
Dizendo-me que havia um povo moribundo
Aqui, sob este céo rico do Novo Mundo,
Eu experimentei a fina dôr estranha
De quem sente um punhal atravessar-lhe a entranha.
Gemia o teu Brazil, a tua patria, filho !
Gemia e geme ainda. E o veneravel brilho
Das suas tradições, hoje pulverisadas,
Vejo-o agora de rasto, emquanto as martelladas
Dadas em seu caixão por mãos de Iscariotas
Vendem ao Desespero a alma dos patriotas !

“Quem é que não s’indigna ao ver o quadro hediondo
De um povo joven, bom, agonisando ao estrondo
Do reducto, que cahe, das suas liberdades,
Podres como um esgoto, inuteis como frades ?...
.....

“Eu me indigno, sim. Um povo é sempre um veio
De agua clara, que leva em seu brunido seio
As gottas de suor de que se faz a Vida,
E a vida é uma cadeia humana, distendida
Entre o que foi e o que é, entre o Passado obscuro
E o Presente, que traz os germens do Futuro.
Eu creio nisso. E assim soluço, quando vejo
Nação como o Brazil sepultar o seu pejo
No torvo cemiterio infame dos servis,
Curvando-se, assim como um réo ante o juiz,
Só... para apresentar o pulso ao *soberano*,
—Um *clown* mascarado a *papos de tucano* !

“Indigno-me, poeta. A raça de valentes
Que já no teu paiz produziu Tiradentes,
Produziu Badaró e Netto e Canabarro,
E á face do Poder cuspiu, como um escarro,
O anno VINTE E QUATRO e o dia SEIS DE MARÇO,
Em eras em que a Forca e o seu cruel cadarço
Davam sobre este solo escravizado, exangue,
Banquetes infernaes, rubros do vinho—sangue ;
Essa raça de outrora, ó moço, não devia

Ter filhos bestiaes como esses que hoje em dia
Assentam-se ao sopé do Throno, p'ra comer
O sobejo que cahe do imperial talhér
Ou o osso que escorrega !.....
.....

O' misero Brasil !

Ninguem sente como eu esse espectaculo vil
Que dás sem reagir nest'hora ao mundo inteiro,
A' esse mundo que expelle o padre derradeiro !

“Tu, mancebo, ainda não pregaste o teu olhar
Na gehena sepulchral, mephitica, sem ar,
Dessa sociedade em que tu vives, como
Um fructo puro, fresco, um reluzente pomo,
N'uma arvore lethal de seivas assassinas.
Bem como os teus irmãos, não olhas para as minas
Subterraneas, que vão aluindo a tua patria,
E talvez dentro em ti penses que se maltrate-a
Dizendo-lhe que está como um profundo esgoto
Cheio das podridões de um abcesso roto.
Quão louco que tu és si pensas desse modo !
Jamais hás de obter arrancal-a do lodo,

E vel-a-has tombar, moribunda afinal,
Sem teres um remedio á dar-lhe p'ra o seu mal !

“O’ meu bom sonhador, ó meu joven poeta !
Atira só um olhar, vivo como um cometa
E rapido como elle, á tua terra amada.

“Has de ver fumegar a cratera inflammada
Do despotismo ruim, da miseria e do vicio !

“Eu vou t’a retratar. Escuta :

Um edificio

Inda por concluir e quasi desabando ;
Ruinas juvenis, por onde vóa um bando
De corujas fataes, sarcasticas, que agitam
Sobre os muros sem cal as pennas, quando gritam ;
Eis o aspecto que tem, por fora, o teu paiz,
O teu ninho, o teu berço, essa nação infeliz
—Condor, morto ao fusil da casa de Bragança.
Pobre d’ella ! Nem vê sorrir-lhe uma esperanza
Na orla do levante—o solio das manhãs

Vermelhas como a braza e os gomos das romãs !
Sobre seu grande corpo, a ignorancia treda ;
Em roda do seu busto, a enorme labareda
De uma corrupção de Roma decadente ;
Dentro della, na entranha, o Povo nú, descrente,
Cuspindo maldições e mastigando pragas
Como os dentes da rocha os turbilhões das vagas ;
E em cima, parecendo um corvo famulento,
A sombra má de um rei sujando o firmamento !
Quadro triste o da terra em que tu viste a luz
O' moço, ó meu poeta ! Antes houvesse cruz
Onde fosse pregada a tua patria viva,
Do que houvesse o veneno estúpido que a criva
De pustulas mortaes, de cousas asquerosas,
Como essas qu'estou vendo erguerem-se assombrosas!
Ouve : Do teu paiz fugiu a Honra adusta,
Aquella amiga ideal, aquella amante augusta
De Bruto e de Catão. O archanjo do Dever
Deixou-se succumbir, deixou-se fallecer
No meio do hospital de almas apodrecidas
Que elle via occupar todas as avenidas
Abrindo p'ra o Trabalho. O estímulo a luta, o bem,

Lançaram-se por fim no turbido vae-vem
Do egoismo que ali revolve as suas aguas,
E foram sepultar-se, entre um milhão de maguas,
Nos peitos de-ouro e sol de alguns de teus irmãos
Que em meio do abysmar souberam ficar são !
E' pois um sossobrar tremendo, estrepitoso,
De tudo que era bom, de tudo que era gozo
P'ra os crentes da Justiça e os crentes do Porvir.
Não restará de pé, depois deste ruir,
Nada, neste torrão que os osculos do tropico
Aquecem como a um forno a lenha. Fim cyclopico!
Vê: Abraçam-se á Patria e estão a ouvir-lhe o arranco
Ultimo e colossal, a *escravidão do branco*
E a *escravidão do negro*,—a besta dos engenhos,
A alimaria boçal dos castigos ferrenhos
Que começam no *tronco* e terminam no *carro*
—Supplicios canibaes mais feros que Pizarro !
Olha : O Character foi-se, a Heroicidade voou
P'ra o tumulo onde jaz Caneca, o nobre avô
Que junto á Miguelinho e Pedro Ivo dorme
Agora, na mudez da ossada fria, informe.
Não ha mais pundonor na tua gente. O ouro

Despota como um rei, possante como um touro,
Está feito o talisman com que se vence tudo,
Com que se compra a seda, as rendas, o veludo,
E compram-se tambem crenças, convicções,
Sentimento, ideaes : o luxo e os corações ! . . .
Ahi não se resiste ao tinir do dinheiro ;
Tenha-se de passar por cima do brazeiro
Da infamia, vae-se sempre atraz do som, do ruido
Do magico metal, do premio promettido !
Desertou do seu templo este bom deus — Civismo.
A mocidade tem a arteria do altruismo
Secca. Ha na familia uma dissolução
Que cresce como o gaz no bojo de um balão
E lavra com furor. Procura-se atirar
A mulher para a rua, esvasiar o Lar . . .
—O Lar, o bom recanto placido da alma
Aonde o homem acha, após a luta, a palma
Do trabalho e do amor, n'uns labios de criança,
N'uns olhos de mulher de negra e longa trança !
Treme por consequencia a familia na base.
A plebe, a multidão fanatisada, quasi
Que nunca ouviu dizer que fóra da ignorancia

Ha grandes regiões feitas de albor. A infancia
E' triste, sem calor, timida, preguiçosa ;
Não se educa, não ri ; semelha-se a uma rosa
Mettida n'uma estufa. O cidadão não tem
Seguro o seu direito. O rei corrompe quem
Se atreve á meditar, á pensar . . . Aos deveres
Antepoem-se os vis e os frívolos prazeres,
Emquanto tudo mais afunda submerso ! . . .

.....
Emfim, poeta, o mundo, emfim, todo o universo
Recúa ante esse abysmo aberto em tua terra
Pelo Altar e a Corôa—a dualidade que erra
Sem cessar, sem parar, assustadoramente,
Ao redor das nações que olham para o nascente !

“Mas é preciso pôr um cravo nessa roda !
E' preciso entulhar, encher de toda moda,
O infame sorvedouro ! A America o supplica
N'um espasmo de angustia, espasmo de quem fica
Solitário na vida após a lenta morte
De um ser que muito amou ! Faz-se mister a forte
Energia de Antheu neste momento augusto,

Afim de se arrancar da voragem o busto
Da Patria envilecida, e erguel-o ao Pantheon
Do seculo, onde estruge agora o largo som
Dos clarins do Direito !

“Essa missão é tua;
Tua e de teus irmãos, mancebo ! Arvóra nua
A tu'alma no mastro azul da Poesia ;
Deixa que ella fluctue aos ventos da harmonia ;
Veste a cota do Bem, o aço do Valor,
O bronze da Vontade, e põe com todo o ardor
O teu braço ao serviço athletico da causa
Do tropego Brazil, que sem descanso ou pausa
Soffre os males que viste. E' uma obrigação
Que hoje tem todo o moço. Uma reconstrucção
Geral tem de operar-se ahi, no teu paiz,
Si o não querem deixar morrer como os reptis :
Estendido no pó . . . Portanto, é trabalhar,
Emquanto inda se sente o enfermo respirar.
E' marchar, caminhar, é tocar á rebate ;
E' fazel-o beber, enquanto o pulso bate,
O remedio, o elixir da viva luz moderna !

“Isso compete a ti e aos da phalange eterna
Dos poetas, dos bons, dos simples, dos romeiros.
Compete a esses leões mansos como cordeiros
Que onde passam parecem arcos de alliança
Feitos da refração dos brilhos de uma lança
No vidro da alma humana !.....
.....

Tens pois, ó trovador, tarefa soberana
Para encher-te a existencia e p'ra cingir-te a fronte
De louros, como foi cingido Laocoonte
Pelos nós colossaes das horridas serpentes
Que Virgilio pintou com tintas surprehendentes !
Viste-o perfeitamente : A Ignorancia é o corvo,
Que mais retalha e morde o ventre magro, torvo,
Do teu triste Brazil. Antes de tudo pois
Procura exterminar, com a força de cem bois,
Com a força de uma bala abrindo uma couraça,
Esse abutre, essa treva, esse antro, essa desgraça !
—Ella é quem faz os reis, foi quem fundou a Igreja
E é quem engendra o crime e a honra mercadeja.

“Olha, segue este rumo : Entra nas officinas
Da Sciencia, da Luz. Penetra nessas minas
Onde a estalactite alva do Pensamento
Criva os muros senis, feitos do sedimento
Das cabeças-pharóes, dos cerebros dos sabios !
Procura o Bello ahí. Traz sempre nos teus labios
Aquelle mixto ideal de riso e de tristeza,
Aquellas cousas sans, bôas, que a Natureza
Ensinou á Confucio e ao filho da Judéa.
Mas sê antes de tudo um soldado da Idéa !
Pode-se ter amor, beijar as criancinhas,
Pregar a paz, ser bom, terno como avesinhas,
E pode-se tambem vestir uma fardeta,
Ser heróe, combater, cravar a bayoneta
N’um peito ou n’uma entranha. A condição é ser
Productivo o lutar, ser luta do Dever ! . . .
Por consequencia estuda, canta, ri, combate.
Em tuas odes põe o rispido acicate
Da ironia, do fel, da satyra explosiva
Que chia sobre o Mal como na carne viva
Uma braza. Observa as formidaveis leis
Que regulam a queda, a elevação dos reis

E a desenvolução continua dos mais seres.
—Tambem ao macrocosmo impoem-se deveres...

“Emquanto á tua Patria, o que é preciso agora
E' pôres-lhes deante uma esplendente aurora
Que a doure, que a desperte e seja como a pilha
De Volta ; que a electrise e indique-lhe uma trilha
Ampla, nova, radiosa, aberta no horisonte,
E attrahente bem como o pincaro de um monte.

Essa aurora tu mesmo has de accendel-a, obrando
Deste modo :

—Descreve o giro venerando
Da Sciencia por sobre o sólo da nações
Gigantes, que têm posto um cinto de clarões
No corpo do presente. Apotheósa o genio
—O Protheu sempre novo, o *Kean* do proscenio
Da vida ! Apotheósa os brados oceanicos,
Explendidos, febris, dos cerebros vulcanicos
De todos os titans que pensam, que trabalham ;
Aponta ao teu paiz os povos que batalham :

—A França, a Russia, a Italia, a America do Norte,
A Allemanha e Albion. Mostra-lhe mais a cohorte
De homens-constellações, que á face deste globo
Fazem á Natureza o luminoso roubo
Da Verdade, p'ra dar á nossa Consciencia
Um pouco menos de odio e mais de transparencia !
Emfim, ergue-lhe ao pé as syntheses immensas
Do moderno saber, as construcções extensas
Que pode levantar já hoje a Humanidade
Sem precisar do rei, sem precisar do frade !...

“Taes syntheses, então, faze-as como os abysmos :
—Cheias de sombra, sol, iris e magnetismos.”

.....
.....

*
* *

Foi só o que me disse a MUSA. Quando ergui
O rosto p'ra fallar-lhe, apenas distingui,
No espaço e em derredor, uma palpitacão
Que tanto pode ser que fosse a viração

Fallando aos vegetaes pela campina rasa,
Como fosse o fugir de uma invisivel aza...

Já era noite immensa... O concavo infinito
Tinha a rija mudez de um silex do Egypto.

Mirei o firmamento enorme. Em seu thezouro
VENUS representava a maior placa de ouro...

*

Então, á revolver no craneo as sensações
Que a MUSA despertara em mim, aos turbilhões
Do seu verbo febril, eu alonguei a vista
Pelo chão, pelo ar, dos montes pela crista,
E puz-me a imaginar na inspiração de Hugo.

.....

.....

Queria-a para mim. Não sei si ella baixou.

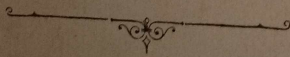


SYNTHESE SCIENTIFICA

(I.^a VISÃO)

.....
... Nihil dulcius est, bene quam munita tenere
Edita doctrina sapientum templa serena
Despicere unde queas alios, passim que videre
Errare, atque viam palanteis quærerere vitæ
Certare ingenio, contendere nobilitate,
Nocteis atque dies niti præstante labore
Ad summas emergere opes, rerumque potiri.

LUCRETIVS: — *De Rerum Natura.*





SYNTHESE SCIENTIFICA

A abóbada sem par da Capella Sixtina
Onde o Buonarotti—a alma peregrina—
Consociou, na tinta, a plastica pagan
E o mystico ideal da aspiração christan,
—Mostra na olympea curva, em classicas posturas,
Torsos, bustos, perfis energicos,—figuras
Nas quaes vida, expressão e força e luz e fé
Nadam como no ar os átomos. Quem vê
O assombroso painel,—pensa forçosamente
N'um cyclope á fitar, com a orbita insistente
De um só olho, a extensão da religiosa nave !
E a gente, sem querer, debaixo desse grave
Fragmento de céu povoado de titans,
Imagina que está, entre Levithans,

Nas epochas senis da Fabula e do Mytho,
De deuses assistindo a um rabido conflicto,
Ou que avista de perto o Circo dos romanos
Com guerreiros de Homero, hirtos, prometheanos!...

Tambem quem observa a cupula do seculo
Que termina; quem olha, armado de um espéculo,
O zimbório ideal suspenso sobre nós
Pelo tempo—architecto impavido e veloz ;
—Vê no espaço agitar-se a turma lucilante,
A cohorte sagrada, o batalhão troante
Das sybilas, heroes, deuses e gladiadores
Que o Espirito Novo, em meio aos seus labores,
Anthropomorphisou, para representar,
Para symbolisar, para evehmerisar,
O talento, a vontade, o estudo, a independencia,
A POLITICA, a ARTE, a RELIGIÃO, a SCIENCIA !

*
* *

SEculo DEZENOVE ! O bronze do teu vulto
Ha de ser venerado, ha de se impor ao culto
Dos pósteros, bem como impõe-se á escuridão
Um relampago, um raio, um brilho, uma explosão !

Has de ser endeusado, atleta ! Has de servir
De exemplo, de phanal aos povos do porvir,
Como a estrella polar serve de rumo ás náos,
Como serve a miseria em seus esgares máos

De guia para o crime ! O' seculo do labor !
As tuas creações, teus tunneis, teu vapor,
Tuas forjas, teu ar, tua electricidade,
Tua philosophia e tua heroicidade,

Tudo isso ha de formar, por cima do futuro,
Um pallio radiante, enorme, azul e puro,

Sob o qual, sem o ver, eu sinto desde agora
Que hão de ir em procissão, bellos como uma aurora,

Todos os cidadãos deste paiz—a Sciencia ;
Todo filho da luz ou toda consciencia
Lavada pelo amor—o grande agente altruista !

O' seculo immortal ! O' seculo em que a conquista,
A guerra, as religiões e as velhas monarchias
Têm tombado no chão, nojentas como harpias,

Tristes como deserto ! Eu curvo-me ante ti,
E ponho o joelho em terra afim de orar daqui
Ao teu busto ideal, titanico, estrellado !...

*

No alto da nossa idade eu vejo desfraldado
Um panno colossal, vibrante aos quatro ventos
Das novas intuições, dos novos pensamentos.
E' o eterno estandarte enorme do saber,
De cujas dobras sahe o roseo amanhecer

Do dia da Justiça !

Ali, nos vastos cimos
Onde a luz ri-se ao ar como a criança aos mimos,
Acampam-se do estudo os rijos batalhões.

Os soldados viris que têm por munições
De guerra os bisturis, as lentes, os compendios,
A analyse e a razão, e queimam-se aos incendios
Do desejo de ler, de abrir, de observar
Tudo o que ha, desde a flôr, o seixo, o nenuphar,
Até a lei fatal da *luta pela vida* ;
Os voluntarios d'alma, os homens bons da lida
Do futuro,—ali 'stão, lá têm os seus quartéis,
Seus craneos geniaes, seus livros, seus farneis ! . . .

Sim. No dorso do seculo eleva-se a montanha
Alterosa, ideal, fascinadora, extranha,
Das victorias de luz que a Sciencia nos seus pleitos
Tem até hoje ganho. . .

Habitam nella os peitos
Dos sabios, dos heróes, dos magos do presente,
E é ahi que se guarda a polvora estridente

Com que se faz voar a petrea cordilheira
Do erro, pelo ar, como uma fina poeira !

.....
.....

Attentemos, portanto, ali—naquelles cumes
Onde estão faiscando os scintillantes lumes
De uma accumulacão de humanas nebulosas.
Fitemol-os com força. Eu vou, bem como as rosas,
Abrir, para os saudar, as pet'las odoríferas
De umas canções de crente, harmonicas, lucíferas !

Mas antes...

Olha tu, homem moderno, escuta :

—Eu vejo te pesar uma cegueira bruta
Sobre o corpo, sobre a alma. Um sujo calabouço
Odioso como um crime, ignobil como um osso,
Desses que andam ahi roidos no monturo
Pelos cães sensuaes ; um calabouço escuro,
Ferreo, caliginoso, inquisitorio, immundo,
Eis o que me parece o abominavel mundo
Em que te vejo triste, aniquilado, exausto !

A' meus olhos estás descrente como Fausto
Sem teres entretanto aprofundado o céo
Como elle o fez primeiro, e levantado o véo
De toda cousa extranha, occulta, mysteriosa,
Não sabes como eu choro a vida tormentosa
A turbida existencia hedionda que tu levas !
Imagino, ao te ver, que moras n'umas trevas
Feitas da meia noite escura da ignorancia
E da lama do erro ! Estás como na infancia
Apezar de a velhice haver-te desde muito
Empolgado o viver !.....

.....
E' que nunca lançaste ao menos um fortuito
Olhar ao novo Deus, á nova Providencia,
A quem a nossa idade apellidou—Sciencia !
E' que não viste nunca as purpuras risonhas
Do Ideal do teu tempo ; é que ainda tu sonhas
Com o velho mundo, emquanto o mundo novo canta,
Em roda do teu lar, o hymno que levanta
As almas á região das grandes utopias
Louras como o verão, nos seus sonoros dias !...

Tu, meu pobre burguez, deixaste-te ficar
Com a tua intelligencia ao pé do limiar
Dantesco e monachal da turva Edade Media.
Não quizeste applaudir a rispida comedia
Do rir voltaireano enorme e dissolvente,
Não soubeste julgar a força omniponente
Da vasta Encyclopedia e mais de OITENTA E NOVE;
Continuaste a crer em Pedro, em Christo, em Jove,
Nos reis, no imperador, nos padres e no inferno,
E emfim, não penetraste o pórtico moderno
Do seculo vigente—a cathedral da Idéa !

Dahi,—esse teu ar, a catadura feia
Que eu noto agora em ti ! Entretanto, é preciso
Que tu fites, alem, o luminoso viso
Dos montes da Verdade e do saber humano.
Has mister de fugir do ergástulo tyranno
Chamado *indifferença*, a que tens sido preso,
E has mister de deixar, por uma vez, o vesio
Do passado e da fé religiosa, velha,
Que só te deixa ver a creação de esguelha !

.....

Para isso é bastante este pequeno esforço :

—Olhar para os clarões que o seculo traz no dorso.

*

São as fulgurações do *estado positivo*.

Esse estado, essa phase, é como um largo crivo
Feito pela Razão na Consciencia humana,
Por onde agora jorra a onda soberana
Da verdade moderna.

O espirito do homem
Cançado de buscar nas brumas que se somem
A razão do seu *ser* e mais da natureza,
Cançado de trilhar a intermina deveza
Das hypotheses vans, dos sonhos, das chimeras
Volveis como o mar, franzinas como as heras,
Parou junto á esse marco erguido em seu caminho,
Como pára um viajor em frente de um moinho.

Marco fecundo! Então, desde esse mesmo instante,
Elle poz-se á cavar com força triumphante

O sólo do Real. Ficaram para traz
Os mysterios, o vago, as phantasias más
Que tanto haviam já desfigurado a Sciencia,
E hasteou-se a bandeira, emfim, da Experiencia
Sobre a ferrea muralha impavida do estudo !

Agora essa bandeira é que domina tudo.

Nos paços da Razão onde antes se sonhara
O sabio de hoje pensa, observa, lê, compara,
A materia nos seus phenomenos gigantes,
Descobre-lhes as leis severas e constantes,
E afinal, á poder de genio é de trabalho,
Extrahe dessa jazida o rutilo cascalho
Onde occulto, embutido, encontra-se o formoso
Diamante offuscador, unico e desejado
Da Verdade immortal, do factio luminoso !...

Foi da França que ergueu-se a aurora desse *estado* :

AUGUSTO COMTE foi o astro esbrazado

Dessa immensa manhan, dessa alvorada immensa
De que o mundo fez logo a sua nova crença.

Tempos havia já que a Humanidade ouvira
(E' certo), como se ouve as queixas de uma lyra
Vibrando na amplidão por uma noite antiga,
A voz de Galileu, commovedora, amiga,
Unida ás de Descarte e Bacon e de Harvey,
Dizendo-lhe se estar forjando a grande Lei
Da idade positiva hodierna...

Mas só COMTE

Poude, estoico, escalar o alevantado monte
No pincaro do qual via-se a neve branca
Da nova comprehensão fecunda, recta e franca,
Do mundo !

Vendo atraz Simon, Burdin, Turgot,
E Kant e Condorcet e Leibnitz,—voou
Elle p'ra a cumiada electrica da Gloria,
Após ter arrancado ao pélagos da Historia
A vasta concha azul da Sciencia Social !...

Ah ! como eu sorvo a luz que vem desse phanal,
 Como eu amo o clarão que vem dessa conquista !

*
 * *

Homem do meu paiz ! A LEI positivista
 E' pois quem representa a synthese moderna
 Do espirito humano, á cata de cisterna
 Onde possa beber a lympha crystalina
 De um ideal seguro !

Abraça tal doutrina,

E has de ver como desce uma serenidade
 Immensa sobre ti e sobre a Humanidade,
 E como te penetra um vivido desejo
 De ser trabalhador e puro como um beijo
 Amoroso de mãe

.....

Attende bem : Nest'hora,

Toma de assalto o mundo a legião sonora
 Dos Attilas do Bem, dos grandes heresiarchas
 Que têm dentro de si as formidaveis arcas
 Do Progresso, da Luz, da Razão, da Justiça !
 Olha a arena da Europa. E' nessa enorme liça

Que se trava a batalha, o calido combate.
Então, dos batalhões ao furioso embate,
Tombam ruidosamente os velhos edificios
Como ante a Piedade abatem-se os flagicios.
Emquanto que o Passado em pávido tropel
Desmorona-se, cahe, sumindo-se á granel
Na treva, e á semear detritos pelo espaço
Parece muro á ruir pedaço por pedaço ;
Ao passó que no pó mergulham-se os systemas
Antigos sobre os quaes erguiam-se problemas
Loucos, de theologia e de transcendentismo ;
Emquanto vê-se bem que o vão metaphysismo
—Ashavero que andava atraz do absoluto—
Agonisa mordendo o perigoso fructo . . .
Avista-se de um lado a extranha apparição
Magnetica, sem fim, de uma ampla construcção
Que tem por alicerce a sciencia positiva ! . . .

Dentro desse Escurial andam na faina viva
Todos os sabios bons, desses cujas cabeças
Não podem consentir que as caligens espessas
Do mal cubram de todo a humana intelligencia !

Elles têm a firmeza e a longa paciencia
Daquelle Job ideal do Velho Testamento,
E têm o enthusiasmo electrico, opulento,
De um hymno marcial tocado n'uma praça
Entre os vivas febris da forte populaça...
Elles descem sem medo aos poços subterraneos.
Não cançam nunca. A luz dos seus potentes craneos
Alumia-os por entre as trevas mais profundas.
Vão ao bojo do mar ; vão ás cavernas fundas
Da terra, para ouvir da bocca millenaria
Dos fosseis essa historia immensa, extraordinaria,
Do anthropóide evoluindo até mudar-se em homem!
São os servos da gleba esp'ritual. Não comem
Emquanto não dão fim á esplendida missão
A que votaram vida, idéa e coração.
Eil-os cavando o espaço : Atiram-se atravez
Dos astros, como um cão dispara atraz dos pés
Da caça que lhe foge. Ali prescrutam tudo :
Desde o ether enorme, imponderavel, mudo,
Até as revoluções dos celeres cometas
Que viajam no azul sem receiarem métras
Que os forcem á estacar na rubida viagem !...

Elles—os sabios—são : fortes como a coragem,
Bellos como um triumpho e bons como a virtude.
Rasgam as amplidões e vão, de aspecto rude,
Examinar o oceano, as rochás, os vulcões,
Os átomos, a Historia, as civilisações,
O óvulo, o vibrião, a celula, as idéas ;
E elaboram assim as amplas epopéas
Que afinal, ao fechar desse trabalho insano,
Servem para engrossar o cabedal humano !...

Eis o que elles estão fazendo neste instante:

—Tratam de eliminar a fome estertorante
Que róe o ventre nu dos tristes operarios.
Pensam em arrasar os turbidos Calvarios
Da miseria, nos quaes a cruz do Capital
Martyriza os Jesus do trabalho. Do Mal
Andam a derrancar as morbidas raizes.
Em logar de iliudir os seres infelizes
Com miragens fataes de ethereas esperanças,
Dando-lhes deuses, céos e bemaventuranças
Eternas como o tempo e brancas como a lua,

Elles mostram ao povo a magestade crua
Imponente e viril das forças naturaes
E buscam diminuir os impetos fataes
Dessas forças ! Estão alem, com a sua calma,
Polindo e renovando a sciencia da alma ;
Estudando o actuar dos *meios* sobre as raças ;
Procurando encontrar as apagadas traças
Dos primeiros avós, dos homens miocenes ;
Provando que a materia é uma soberba phenix
Que quando a julgam morta é que ella ressuscita ;
Mostrando que a Moral não é cosmopolita ;
Buscando demonstrar pela transformação
De uma simples monéra a genese do mundo
Organico ; ensinando o dogma fecundo
Do progresso ; affirmando a *lei da selecção*
E o seu correlativo : — *a luta na existencia !*

Tentam reconstruir, fieis á Experiencia,
O vetusto castello informe do Direito
Que precisa de ser, sob outra luz, refeito !

*

Vemos : aqui—Litrè, Spencer, Buckle, Comte ;
E' a Philosophia alevantando a fronte.
Ali—Hœckel, Pasteur, Darwin, Lyel, Bróca ;
E' a Sciencia pura—a refulgente róca
Que serve á fiação methodica dos factos
Ou feios como a morte ou bellos como os cactos.

Uma e outra potencia, estes e aquelles,—todos
Trabalham, sem ouvir acclamações e apodos,
Para dar-nos em breve a synthese suprema.

Ora, desse labor, surge, luzindo, o poema
De uma Religião humana e demonstrada,
De uma Moral austera e positiva e honrada,
De uma Sociedade honesta e previdente
Guiada pelo Amor, debaixo do ascendente
Da Industria, do Saber, das Artes e da Paz ;
Ora surge o *blastema* ; ora a doutrina audaz

Do *monismo* e da lei prevista por Lamarck ;
Ora concepções verdosas como um parque
Apparecem ao sol ; ora ruins theorias
—Parasitas grimpendo em alvas arcarias—
Tentam tambem medrar . . . Mas vence-as a Verdade.

E continúa a faina em toda a magestade.

.....

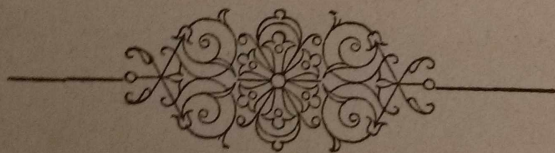
.....

Eu, olhando absorto a prodigiosa arena,
Tenho uma sensação fina como uma penna,
Intensa como a luz ! De cada lutador,
De cada criação, e do dominador
Conjuncto que se abarca e que na frente avisto,
Parece-me saltar, nervosa como o Christo,
Aquella abstracção corporisada :—Pallas
Ou Minerva, que outrora, entre ferventes alas,
Os hellenos viris apotheosavam como
Mixto de sangue e sol, de Força e de saber !

*

Dobremo-nos ! A Europa estende-se em um chromo
Cujo desenho mostra a linha rosicler
Das telas immortaes. Apparição mirifica !

Saúdo-te com fé, Synthese Scientifica !



SYNTHESE POLITICA

(2.^a VISÃO)

O' ma Muse, debout! Suivons de compagnie
La Science implacable, et, degré par degré,
Voyons si de partout la Justice est banie,
Ou quel en est le siège et l'oracle sacré !

SULLY-PRUDHOMME:—*La Justice.*





SYNTHESE POLITICA

Fis o paço da Historia. Assento-me no umbral,
E assisto ao desfillar do exercito immortal
Dos povos, das nações, das raças, das edades.

Passa-me pela vista um montão de cidades ;
Batem-me na retina imperios, satrapias,
Dictaduras brutaes, reinos, theocracias,

E eu sigo com amor a marcha cadenciosa
Da grande multidão que passa rumorosa
A meus pés, acordando os seculos do seu somno !

Sim. Bem como acompanha um perdigueiro o dono,
Eu sigo, com um olhar agradecido, o mar
Gigante, que ante mim vejo a rodoinhar.

E' que no peito eu tenho immensa gratidão
Por essa mole humana, esse aureo batalhão
Ensopado do sol esplendido da gloria,

Que nos lança atravez das fendas da memoria
Clarões como estes : Roma, Alexandria, Athenas!
E' que eu penso nas más, nas trabalhosas penas,

Que aquellas gerações tiveram de soffrer
A fim de nos legar o moderno viver ;
E sinto me subir um reconhecimento

Enorme ao coração, quando esse pensamento
Assalta-me a cabeça em febre, reclinada
Sobre a folha de um livro. . .

*

O' gratidão sagrada !

Tu fazes-me esquecer os crimes de chacaes
Commettidos outrora, em meio as saturnaes,
Pelas feras chamadas Cezares ! Castigos,
Tormentos infernaes de supplicios antigos,
Caligulas, Dracons, Neros e Messalinas,
Os seres podres, ruins, dos vicios as sentinas,
Tudo isso, quando tu me surges no oriente
D'alma, desaparece, esvae-se-me da mente,
E eu vejo só na Historia a bôa Humanidade
Trabalhando, ampliando esta risonha herdade
Chamada Terra, a qual nós todos habitamos,
E que vae ao redor do Sol, como nós vamos
Ao redor de uma esp'rança !.....

*

Fico, por largo espaço, olhando p'ra o cortejo
Das epochas, dos tempos idos. Miro-o. Vejo
Todas as gerações e todos os imperios
Quer alegres, quer bons, quer fortes, quer funereos,

Reflectirem-se ali—sobre o crystal da Historia.
Observo a rigidez sympathica, marmorea,
Das almas dos heróes eguaes a de Spartacus,
E observo tambem os entes nullos, fracos,
Que deram-se sem custo a inercias criminosas,
Quando as patrias—as mães—clamavam lacrimosas
Pelos filhos ! . . . Assisto as festas de Lucullo
E assisto á perdição dos pobres, que de um pulo
Vão da miseria nua á infamia. Vejo, triste,
Ora ferreos canhões, ora lanças em riste
Rasgando vidas ! Vejo, avisto podridões,
Avisto bachanaes, glorias, revoluções,
E avisto tudo o que ha de bello e de horroroso
No homem, esse animal que nunca tem repouso
Porque traz dentro em si, no craneo, um azorrague
De fogo, que não ha liquido que o apague,
—A Idéa ! . . . O meu olhar, profundamente fito,
Sente passar-lhe em frente o nervoso infinito
Do desenvolvimento humano e social.
Percorro-o todo : Desde a vida patriarchal
Até o presente ; desde os mysterios de Isis
No Egypto,—até Berlim, Washington, Paris !

Escôam-se ante mim todas as sociedades,
Todas as oppressões, todas as liberdades,
Todos os homens vis, todos os infelizes
Todos os Barrabás e todos os Juizes !
Vejo passar a India e vejo Babylonia.
Vejo Roma á cantar n'uma noite de insomnia
Uma torpe canção corrupta como Nero.
Vejo os jogos da Grecia e vejo o Trocadero ;
Sinto andarem no ar gumes fataes de espadas.
Como um rancho, sem fim de pombas dispersadas,
Vejo voarem nús os velhos ideaes
Por cima dos montões das ruinas medivae
E das outras ruinas prímevas. Os vultos
Venerandos ou máos passam semi-sepultos
Na sombra. Encaro Christo e encaro Mahomet.
Assisto ás explosões nevrálgicas da Fé.
Luthero, Khoung-Tseu, Attila, Tamerlan,
Reconheço-os. Encontro albores de manhan
E noites de caverna. A' par de Marco Aurelio
Vejo Commodo, o qual attinge ao perihelio
Da infamia ! Vejo mais as construcções modernas,
Que parecem, de longe, electricas lanternas

Accesas, p'ra dar luz ao corredor da Historia !
Passando e repassando, avisto a merencoria
Filla dos pariás !... Emfim : a antiguidade,
O cyclo primitivo, a escura media idade,
A epocha moderna e mesmo os tempos de hoje ;
Tudo, tudo, assim como um rio que se arroje
Por uma ribanceira, eu vejo me passar
Deante—sob a luz fria do meu olhar !...

Mas eu não me assentei ali só para ver
Bonaparte matar, Cleopatra vencer
Antonio com um sorrir de deusa provocante ;
Lucrecia apunhalar o seu peito alvejante
Onde tinha cahido a nodoa só de um beijo ;
Marat ser atirado a um cano de despejo ;
Socrates ingerir a cicuta suicida
Ou Vanoza enleiar nos braços de perdida
A fronte bestial de um Borgia libertino !
Não. Não foi só p'ra ver Lycurgo e Constantino,
Orgias de Tiberio e de Sardanapálo,
Que eu fui me debruçar á borda desse vallo
Fundo, por onde corre a enchente estrepitosa

Da vida humana, a qual, como uma viva rosa,
Tem perfumes e sangue ! Eu fui buscar na Historia,
Por entre os turbilhões da marcha evolutoria
Que todo povo faz n'um triplice estadío,
—O veio radioso, o esplendoroso fio
Do Progresso, que faz brotar da escravidão
O servo, e d'um vassallo um forte cidadão !
Sim. Eu fui procurar esse possante veio,
Esse facto em que eu, como um antiste, creio !

E eis o que elle mostrou-me, o facto armado em LEI:

Mostrou-me o Povo sempre a guerrear o Rei,
O homem sempre á roer o metal de um grilhão,
Ou sempre á demolir uma religião !...

A' principio eram paes, chefes e patriarchas,
A' beber o suor das existencias parcas
E á calcar a familia, a tribu, sob o mando
Das suas vozes más, de timbre pouco brando.
Depois, quando chegou a phase das conquistas,

Eram guerreiros ruins e barbaros, que as cristas
Das montanhas senis viam, pelos seus flancos,
Devastando, transpondo, os valles e os barrancos,
E buscando amassar com o sangue derramado
Um Poder que tivesse o Arbitrio por estrado !
Mais tarde, sob a lei do *direito divino*,
Sob o rei feito deus e a morte feita ensino,
Eram ministros crus, eram imperadores,
Que faziam lembrar a garra dos açôres
E que tinham da plebe a mesma comprehensão
Que a gente tem do lobo e o gato tem do cão !

.....
E o homem, o povo nú, sempre a gemer, gritar,
Como um preso que está, tremulo, só, sem ar,
Entaipado em mosmorra asperrima, sem crivo ;
O povo soberano, o homem colectivo,
—O ser que tem bebido as mais amargas taças,
O organismo que tem sentido mais desgraças
Tombarem sobre si, fazendo-lhe feridas
Capazes de arrancar mais de um milhão de vidas ;
—O homem, o povo nu . . . respondia aos tyrannos
Com uma grande porção de heroismos espartanos,

Com uma revolução, com um raio, com um protesto,
Cada vez que o Poder lhe era ruim, funesto !

.....
.....

O' LEI DA EVOLUÇÃO, LEI DO PROGRESSO ! Ateaste
No meu craneo uma luz, alegre como a haste
Que n'um dia de festa erige uma bandeira !
Ensinaste-me como a infinita fileira
Do Povo foi subindo, erguendo-se na Historia,
Até se transformar nessa soberba gloria
Que hoje explende ante nós, impondo aos derradeiros
Reis—a submissão inutil dos cordeiros !
Mostrando-me primeiro os tempos tenebrosos
Em que a Igreja e o Throno, os dois crueis esposos'
Riam cynicamente em cima das torturas
Que faziam soffrer ás tristes creaturas
Bafejadas ao ar de crença diferente
Ou nutridas de um sangue heroico, inconfidente ;
Apontando depois ao meu olhar afoito
O crepusculo bom do Seculo Dezoito
Onde, como um corisco em mão do velho Jove,

Fuzilava, bramia o rubro OITENTA E NOVE ;
 E afinal me indicando o sol NOVENTA E TRES,
 Mostrando-me como é que as antiquadas leis
 Fundem-se ao crepitar da colera do povo,
 Quando ella irrompe atroz, viva como um renovo
 De arbusto, n'um jardim . . .

—pozeste-me diante

Uma cousa ideal, translucida, gigante,
 Que eu não vejo sem ter os olhos offuscados
 E sem o enthusiasmo erguer-me n'alma brados !

~~Essa~~ *aliquid* ingente (O' lei ! eu te agradeço !)
 E' da idade moderna o rutilo cabeça,
 Onde está, como um astro á descrever a ecliptica
 E á brilhar,—do Presente a synthese politica !

*
 * *
 *

Fitemos essa aurora : Enchendo de ouro o espaço,
 Como enche de calor os ares o mormaço
 Ou como enche o luar a terra de brancura,
 Vê-se erguer-se dali, daquella enorme altura,

O vulto marcial, nu, da Democracia
Crispando o labio bom n'um riso de alegria !

ELLA está de perfil e tem a testa erguida.

Cerca-lhe a pura frente a luz indefinida
Que os christãos pensam ver no rosto de Jesus
Quando o avistam sosinho e magro, em sua cruz,
Derramando suspenso o sangue generoso !
Paira no seu semblante um ineffavel gozo ;
Forma-lhe vasto solio a plebe universal
—A immensa multidão que faz o bem e o mal
Conforme dão-lhe pão ou dão-lhe tyrannias—
E em torno, em derredor, medrosas como espias,
Passam-lhe muito leve as duas azas louras
Da Justiça, mostrando as linhas seductoras ! . . .

Veio de uma batalha, essa mulher que ahí 'stá.
Lutou mais do que luta o ferro de uma pá
Que leva o dia inteiro á mergulhar na terra.
Andou mais do que anda um arabe que erra

De paiz em paiz !... O seu lutar foi duro,
Mas foi nobre. Bateu-se em nome do futuro,
Em nome do Dever, da Luz, da Liberdade,
Contra a Treva boçal, contra a cruel Maldade
Fundidas nesta lama ;—o rei, o imperador !
Teve seculos sem fim de lancinante dor ;
Teve injurias, baldões, calumnias e labéos
Desses que só se atira aos mais infames réos ;
Mas venceu afinal !.....

.....

Agora diz ao mundo :

—Eu tenho dentro em mim o abysmo mais profundo
Que se pode idear, de amor á especie humana !
Minh'alma adamantina, alma republicana,
Feita de radiações prismaticas de sol,
E' mais do que uma alma ; é quasi que um pharol !
Povos, ouvi-me e crêde : Eu busco os vossos peitos,
Como um medico busca, attento, sobre os leitos,
O pulso latejante aos pallidos doentes !
Só eu vos posso dar os animos valentes

De que vós precisaes p'ra terdes cidadãos,
P'ra terdes liberdade e olhardes como irmãos
Todo o resto da terra e todos os mais povos !
Só eu—posso apontar vossos deveres novos.
Só eu—vos posso dar os direitos roubados
A vós, por vossos reis e pelos seus soldados
Ora á ponta de sabre, ora á poder de astucia !
Só eu posso trazer a paz á fria Russia,
Trazer um sangue novo as veias do Brasil,
E fazer com que a Irlanda atire o jugo vil !
Portanto, confiae no meu robusto braço :
Meus nervos são cordões, são filamentos de aço !

*

Pode fallar assim ELLA, a Democracia.

No centro desta amarga, indomita anarchia
Affectiva, mental e activa, que solapa
As nações do Occidente ; em face deste mappa
Cahotico, incolor, dos dias actuaes,
Que nos mostra somente eternas espiraes
De idéas, sem que alguma, emfim, ascenda, ascenda

Para predominar, e construir a tenda
 Onde devem dormir as novas gerações ;
 No meio desta sombra e das vacillações
 Filhas do evoluir das gentes arianas,
 Que abalaram as leis catholico-romanas
 Desde o seculo quatorze, e em fins do de Arouet
 Levaram com vigor ao cadafalso a Ré
 De nome Monarchia ; em face do Presente
 E á vista do passado ou das lições da Historia ;
 —E' forçoso pedir, alta e valentemente,
 Para os Estados de hoje, a formula impulsoria
 De um regimen sem Rei !.....

O governo de UM só veio da força bruta
 E da idéa de Deus. Foi o papado, a astuta
 Igreja de São Paulo, a mão que radicou
 Na Europa esse absurdo, esse erro que passou
 Para a America até ; para nós outros,—nós,
 Filhos da região que desafia os sóes !
 Mas a Força prostrou-se ante o Direito,—ess'arte
 Que o homem concebeu para marcar a parte

Que cabe á cada ser na communhão social ;
Por sua vez finou-se, em seu palacio astral,
A Divindade una, anthropomorpha e santa ;
E agora o globo inteiro, em liberdade, canta
A humana hegemonia !.....

Parece que, afinal, está chegado o dia
De assentar, de affirmar, que todo privilegio,
Toda testa c'roada e todo luxo regio,
Todo poder brutal, unico, irresponsavel,
Todo homem-fetiche,—é só conciliavel
Com um estado mental que não é mais o nosso !

Viu-se que temperar o *mando, quero e posso*
Dos bonzos vis ; tentar a monarchia-mixta ;
Propor Constituições ; maravilhar a vista
Dos povos, com o principio : *o Rei reina somente ;*
Foi mentir :—pôr em scena a farça repellente
De uma pobre nação cretinisada, cega,
Ou d'um rei-*marionnette*, inutil, que estortega !

Hoje, quer um paiz tenha por almenára
Ou a *semecracia* americana,—a clara
Luz da Federação,—ou tenha o monumento
Sociolatrigo e bom que Comte ergueu, ao vento
Do Porvir ; quer persiga o idéal da Suissa ;
Quer busque a França, quer atire-se na liça
Em que braceja audaz a America do Norte ;
—Fatalmente ha de ler esta inscripção, na forte
Curva do firmamento aonde a nova Critica
Poz a constellação do senso positivo :

REPUBLICA—eis aqui a synthese politica ;

Uma Democracia é como um facho vivo !



SYNTHESE RELIGIOSA

(3.^a VISÃO)

La Raison nous révèle un culte perfectible
Qui, seul, peut résister au Temps irresistible.
La liste de nos saints est longue dans l'histoire.
.....

En Grèce vous verrez Democrite et Zenon ;
Leibnitz en Allemagne et Locke en Angleterre ;
En France Diderot, Rousseau, d'Holbach, Voltaire.
Saluez, en passant, les morts de Marathon ;
Voilà Guillaume Tell, Washington et Danton,
Louis Blanc et John Bright, Hugo, Garibaldi,
Et, pour continuer, Bacon, et Gassendi,
Spencer, Darwin, Littré !.....

ALFRED BERTHEZENE:—*Le Progrès.*





SYNTHESE RELIGIOSA

—◆—

Vamos á Pre-historia, ás solidões eternas
Das eras iniciaes...

*
* *

O homem das cavernas,
Assombrado perante os factos imponentes
Que a forte Natureza, em prodigas enchentes,
Despejava na terra hydropica de seiva,
Prenhe da floração que havia em cada leiva ;
O homem habitador das furnas quaternarias,
O pae dos nossos paes, que, como as alimarias
Do deserto, vivia em pleno ar, vagando
Sob o celeste azul illuminado e brando ;

O homem de Saint-Acheul,—extatico, abysmado,
Por ver a multidão de cousas, que a seu lado
Irrompia brutal n'uma nudez de Imperia ;
Sentindo o latejar pujante da Materia
Bater junto de si nas flores, no arvoredado,
Nos mugidos do mar, na altura do penedo,
No espaço côm de anil e nos bosques hirsutos ;
Vendo pela ramada o lourejar dos fructos
Que pendiam por entre os resinosos galhos
Como pendem do céu raios de sol e orvalhos ;
Pasmado ante o painel risonho e magestoso
Que o enchia de amor, de luz, de vida e gozo,
E não podendo achar, vêr, descobrir, o autor
De tanta força viva, e tanto viço e côm,
De tanta robustez e tanta exuberancia ;
Nosso primeiro avô—jungido pela infancia
Da sua intelligencia, a qual só tinha aberto
Um pétalo, bem como a flôr quando está perto
A aurora, ou vem cahindo a tarde fina e calma ;
—Pensou, imaginou que as cousas tinham alma :
Que a pedra, o tronco, a lua, o sol e o grão de areia
Possuíam vontade e eram a grande teia

Onde elle estava preso,—elle, o ser molle e fraco—
E lançou-se á adorar o satellite opaco
Da Terra, á ajoelhar-se em frente do granito,
Cuidando que o rochedo ouvia bem seu grito,
Suas preces, seus ais, os fundos rogos seus !

.....
E fez de cada objecto um ente novo, um Deus !

Foi assim que nasceu a Fé, a Religião.

Mas esse fetichismo escuro, esse embrião
De crença não bastava ao homem ! Ao subir
A escada vertical, nobre, do progredir,
Elle creou mais tarde estranhas divindades,
Que não eram, bem como as outras, propriedades
Das cousas brutas, vis, dispersas sobre a terra ;
Mas que, como um crystal phantastico que encerra
Uma essencia qualquer, fina, mysteriosa,
Eram corpos contendo a força portentosa
Que havia architectado o mando—esse prodigio !...
Eram genios possuindo o tetrico prestigio
Do Poder immortal, da Causa vingadora !...

Esses deuses sem conta ora sorriam, ora
Mostravam-se crueis, duros, terriveis, máos !

Entretanto, obediente e firme, como os páos
Musgosos da floresta, o homem se curvava
Ante os idolos, ante a imagem que moldava
Elle mesmo !...

A amplidão enchia-se de azas ;
Anjos rubros do Mal passavam como brazas ;
O Olympo, o firmamento, o céo,—era replecto
De entes phenomenaes d'um rosto ethereo e recto ;
O Amor, a Força, a Guerra, a Belleza, a Bondade,
Todas as abstracções filhas da Humanidade,
Eram deuses ; pejavam, lucidas, o ar...
Como ondas ideaes de algum siderio mar !...

Essa nova criação era o Polytheismo.

Mais tarde, quando em Roma a luz do paganismo
Extinguiu-se, apagou-se ; elle cahiu de todo,
Sepulto entre explosões de crimes e de lodo...

Mas, ainda uma vez, o homem mergulhou
No tanque da chimera ! Immergiu e tirou
De lá este ideal :

—Um ser divino e uno,
Mais forte que um titão, mais bello do que Juno,
Regendo o mundo, como um dictador um povo !
Abrira-se-lhe á vista um horisonte novo,
Roçara-lhe na alma uma lufada fresca
Que o prendia á um só Deus de luz, como Francesca
Fôra presa á Rimíni !...

Então o nosso avô
Poz-se a desmoronar altares ; despovoou
O Olympo dos heróes, dos mythos polytheicos,
E começou a erguer os symbolos monotheicos
Sobre os destroços nus das outras crenças mortas !

Do Céu—fez um reducto aéreo de mil portas
Abertas sobre a Aurora, o Infinito, o Vago...
A intelligencia humana—imaginou-a um bago
Tombado, para nós, da eterna sabedoria ;
O Todo-Poderoso era o immenso dia

Por que elle suspirava após a noite—vida !
Quer esse deus tivesse a face contrahida
Pela colera, quer tivesse—a meiga e mansa
Como o semblante bom, gentil, de uma criança,
O homem se acobardava ante o seu fundo olhar,
E tremia, assim como ao vento o nenuphar !
.....

Sob essa crença enorme, o mundo teve eras
Felizes e fataes : almas de jaspe, e féras !...
Teve dias de ouro e dias de negrores !
Viu, entre o estrepitar dos cantos e das dores,
Bonanças de ventura e tempestades de erro !...
Sentiu no largo seio o faiscar do ferro
Que Allah mandou brandir e os padres empunharam
Depois, muito depois, quando elles inventaram
Aquella cousa vil chamada Inquisição,
Torpe como um jogral, bruta como um dragão!...
Sob esse grande sol, o puro Christianismo
—Fecundo e bello ideal feito de estoicismo—
O papado ferrenho, Henrique VIII e Huss
Passaram pela terra ora á brilhar, em luz,

Ora á trazer ao povo a sensação do espanto,
Do medo, do terror, dos odios...

Entretanto

Esse estado infantil da humana consciencia,
Esse monotheismo... ia tombar. A Sciencia
No começo do seculo, ao ver que elle acabara
O seu curso, dissera á Theologia:—Pára!

—Tu não podes, mais tempo, acompanhar o mundo
No andar em que elle vae, vertiginoso, fundo!

—O Homem, que já de a muito é sceptico, descrente,
Agora tem á mim para aclarar-lhe a frente!...

E desde esse momento, a ruim superstição
Morrendo, a Terra teve, em roda, esta visão:

*
* *

Estendem-se no pó do solo os velhos cultos.
Mythos phenomenaes espalham-se, insepultos,
N'uma grande extensão de esqualido terreno.
O ar é fino e puro; o espaço azul, sereno.
Jupiter, Jeovah, Osiris, Budha, Brahma,
Jazem no escuro chão sob esta lousa—a lama!

Como cousas senis, fossilisadas, negras,
Amontoam-se alem as bolorentas regras
Da Biblia, do Alcorão, do Avesta e Rig-Veda.
Tropegos, sem valor, curvos, de queda em queda,
Fogem, na treva espessa, Adon, Moloch, Siva,
Ormuzd, Vichnou, Ahriman, Baalath,
Salaambô e Jesus,—toda essa tropa esquiva
De omnipotentes reis do Céu e Terra. Allah,
Lusbel ou Satanaz, Mafoma, Odin, os deuses
Varios ; os sensuaes altares vis de Eleusis,
Venus, Plutão, Neptuno, o Eterno Padre, os Anjos,
Maria—a Immaculada, os santos e os archanjos . . .
Tudo—ali está, na sombra, espavorido ou morto !
Desde a scena do Christo á meditar no Horto,
Até Juno—a cruel—vingando-se de Páris ;
Desde a forte Minerva, erguendo-se nos ares,
Armada, á se evolar do cerebro de Jove,
Até a Roma de hoje,—essa em que Pio Nove
Inventou para si o nome de Infallivel ;
Desde Venus sahindo, estranha, irresistivel,
Das espumas do mar, limpida como ellas
E nua como a onda á humedecer as vélas ;

Desde a mãe de Cupido á mystica Thereza . . .
—Todas as ficções e fabulas da empreza
Immensa que tentou o theologismo inane,
Accumulam-se ali, á semelhar o mane
De um morto colossal. E, a vista assim surpresa,
Sente o mundo irem longe—inuteis, mastigados
Pelo tempo voraz,—os dogmas sagrados,
Os sonhos divinaes, os ágapes ethereos,
E todos os rituaes e todos os mysterios !

Em vez delles, porem, nos surge uma figura
Feita de magestade e feita de brancura.

E' a expressão actual da religiosidade,
Da sã, da nova Fé :—a Deusa HUMANIDADE !

.....
.....

Absolve o que foi e acclama o que ha de vir,
Esse formoso ser. Impelle-nos á ir
Buscar o nosso culto, a nossa religião,
A' Historia, ao mundo vivo, á honesta multidão

Dos avós que, á morrer, souberam trabalhar
(Quando outrora o planeta era um cruel lagár
De sangue) para os homens posteros !... E' calma
E justa e compassiva, essa gigante. Espalma
A sua grega mão n'um canto de horisonte,
E ao tiral-a nos mostra um sol, alguma fonte
Purpurea, á derramar clarões sobre o passado !

A crença que ella prega é bôa como um prado
Onde o sol, de manhã, contente se espreguiça
Entre espasmos de seiva, e o fino vento eriça
Os cabellos da relva, os chlorophiliados
Caules dos vegetaes !...

Todos os fortes brados

Que ella faz echoar pela amplidão garrúla
Têm por objectivo a Intelligencia. Ulúla
A' seus pés a maré undosa dos despeitos,
O pantano revoltó e máo dos preconceitos,
E ella vae propagando as suas utopias,
Demonstrando ; ensinando ; e abrindo as gelosias
Que dão para essa rua homérea e triumphal
Da vida de amanhã !

O turbido sendal
Que o Presente lhe põe deante— não impede
Que ella veja bem perto, em gloriosa séde,
O seu magico sonho.

Ella o deseja assim :

*

America e Europa irmans. E no setim
Do céo occidental nem uma nódoa. Apenas
A nuvem lauri-azul aonde afóga as pennas
Esta fulminea ave,—o Sol, de rubras azas.
A alma das nações que evoluíram—rindo
Na luz, como um sabiá, ou como as alvas casas
Penduradas, no mato, ás abas de uma serra.

Um só Deus—a SCIENCIA ; uma só FÉ cobrindo
Esta Egreja sem par humana e larga :—a Terra.
Total abstenção dos barbaros cilicios,
Dos martyrios brutaes, dos negros sacrificios
Feitos p'ra castigar a carne impenitente ;
Um culto natural brotando, qual semente,
Expontaneo e vivaz, nos povos solidarios ;

EXPOSIÇÕES aqui, além os CENTENARIOS ;
Nenhuma imposição fanatica e selvagem ;
Por padres—os varões afeitos á coragem
De gastar uma vida em cima de um *in-folio*,
A' fazer o inventario, á descrever o espolio
Dos factos e das leis, das relações das cousas ;
Um respeito sem fim por berços e por lousas ;
Veneração e amor pela Familia. A idéa
De Patria á florescer, subordinada só
Ao conceito immortal de Humanidade. A feia
Crença n'um dualismo extincta, emfim, no pó.
Expellidos do céo os *santos* do Papado ;
E outros santos viris, de rosto illuminado,
Enchendo o céo da Historia, estrellejante e humano,
Desde COMTE e Jesus, até Confucio—o indiano.
Anjos—a velha Mãe piedosa e doce ; a pura
Esposa lyrial, a honesta creatura
Protectora do lar ; a carinhosa irmã
Bôa, innocente e alegre. Um bello e nobre afan
De sociabilidade. Os corações abrindo
Infinito caminho aos cerebros, e ouvindo
Em roda a Actividade erguer a bronzea voz

Para cantar a Industria,—essa que rouba aos sóes
O calor com que faz voar locomotivas !

Toda a gente aryana unida, como as vivas
Garras de uma orchidéa, em tronco secular.

—Fé no Progresso, Amor, clarificando o ar !...

.....
.....

E o mundo olha pasmado a tal figura estranha.

*

O' mulher ideal ! O mundo se arrebanha
A' teus robustos pés !...

Synthese religiosa,
Tu luzes, como luz, de noite, a Nebulosa !



SYNTHESE ARTISTICA

(4.^a VISÃO)

.....
Ces maledictions, ces blasphèmes, ces plaintes,
Ces extases, ces cris, ces pleurs, ces *Te-Deum*,
Sont un echo redit par mille babyrinthes;
C'est pour les cœurs mortels un divin opium !

C'est un cri repeté par mille sentinelles,
Un ordre renvoyé par mille porte-voix;
C'est un phare allumé sur mille citadelles,
Un appel de chasseurs perdus dans les grands bois !

Car c'est vraiment, Seigneur, le meilleur temoignage
Que nous puissions donner de notre dignité
Que cet ardent sanglot qui roule d'âge en âge
Et vient mourir au bord de votre éternité !

CHARLES BAUDELAIRE:—*Les Fleurs du Mal.*





SYNTHESE ARTISTICA

Na Bactriana antiga,—essa vetusta Persia
Onde Deus era o Sol e onde era crime a inercia

Havia (a Historia o diz) um povo de valentes
Que o thórax da Terra enchia de sementes

E que enchia de peito o velho Zoroastro.
Como os ventos do mar fazem vergar um mastro,

As vertigens da Luz, invariavelmente,
Sacodiam o ser da iraniana gente.

Diz a Historia, tambem, que ali tal era a crença
Nos prodigios de *Agni*, na sua força immensa,

Que o persa, até na morte, alava-se p'ra o Sol
—Quando um filho do Iran sumia-se do rol

Dos que lutam, seu corpo enregelado e hirto
Não ia para o chão, á transmudar-se em myrto,

Em rosas, em poeira, em vermes e em boninas!
O cadaver, então, era elevado ás finas

Transparencias do ar, n'uma columna erecta,
E lá, em pleno azul, sob a fulminea setta

Do astro creador,—as aves famulentas
Vinham arrebatat as carnes friorentas

Do morto! Este ascendia ás regiões solares
Disperso na amplidão, rasgando os fulvos ares,

E, com os passaros bons de garras curvilineas,
Ia-se encorporar ás rubras, ás sanguineas

Photospheras do Sol, cheias de apotheóse,
Onde a vida de tudo abrolha, ferve, explóse!...

.....
.....
Nós os homens de hoje, eguaes ao persa antigo,
Tambem vamos buscar, á um outro sol, abrigo

Contra os males brutaes e contra o desalento.
Quando a púa do tedio—o misero instrumento!—

Surrateira e cruel perfura-nos a alma,
E a pesada mudez, horrivelmente calma

Da descrença, nos mata a ultima energia,
Machucando no caule as rosas da Utopia ;

Quando o cadaver nu da nossa Intelligencia
Tressúa lividez ;—nós vamos á eminencia

De onde ainda se avista a lua do Ideal
Que dulcifica o céo e dulcifica o val,

E expomos este morto—a nossa Actividade—
Ao reflexo bom, á ingenua claridade

Do astro santo que tem o puro nome de ARTE !
E vemos, ao chegar, que vem de toda parte,

Voando e revoando, estranha passarada
Alegre como o campo em hora de alvorada.

São as aves do azul. Chamam-se : esta, AMOR,
Aquella, INSPIRAÇÃO, aquella outra, ARDOR,

Esta, IMAGINAÇÃO, e, alem, ess'outra, CRENÇA.
Sobre nós se debruça a multidão extensa,

A turma alti-volante. E, então, lá para o astro,
Principia á partir em luminoso rastro,

O nosso corpo todo, a nossa alma inteira,
Presos, esta e aquelle, á aza alviçareira

Dos passaros pugis ! A doce lua da Arte
Atira ao nosso encontro o opalico estandarte

Da sua radiação serena, mansa e vasta,
E só nesse momento é que a energia gasta

Renasce dentro em nós !... E, como o persa, vão
Assim, os nossos *ais* á estrella da Illusão !

*
* *

.....
Disse o instincto da Arte á raça de Canstadt,
No dia em que elle viu o inhospito *habitat*
Da primitiva Europa inspirar ao selvagem
O *machado de pedra* :

“Encetaste a romagem
Que te ha de conduzir á Acropole do Bello,
Ao paiz radioso onde flammeja o vélo
Dos sonhos, á soberba e regia Cathedral
Toda esguia e sonora, em que n’uma espiral
Hão de evolar-se o louro incenso da Poesia,
O perfume incolor, subtil, da Phantasia,
O giro musical da Luz, e a luminosa
Escala multicolor dos Sons ! Esta rugosa
Acha phenomenal de silex lascado
E’ a cellula viva, o *plasma* destinado
A’ enseivar, á nutrir todas as Creações,
Todos os Ideaes, todas as Invenções,

Que teus filhos terão nas epochas vindouras !
Este graniteo bloco inerte com que estouras
A ossada gigante e rigida das feras,
Ha de ser visto, lá para as futuras eras,
Como a pedra angular do olympico palacio
Que o genio humano um dia ha de erigir na Historia !

“Olha aquelle castello estranho e violaceo
Construido no ar, com a luz phantasmagorea
Do Sol que nasce, e tendo as nuvens por muralhas!
E' como um ninho immenso, erguido sobre as galhas
Desta arvore—a Aurora ! Extraordinario assim,
Deslumbrante, ideal, feérico, sem fim,
Eu creio que ha de ser o rico monumento
Da Arte, no porvir, quando, com o pensamento
E tambem com a acção,—das leis da Architectura
O homem tiver ido á Musica, á Pintura,
A' Esculptura, á Poesia, e poudere traduzir
N'uma pedra, n'um som, n'um verso, n'uma téla,
Suas aspirações, seu intimo sentir,
Seu gemido de dor, seu extase ante a bella
Natureza immortal, coberta de esplendores !

“Será um edificio hyper-humano. As flores
Escarlates da gloria e dos instinctos bons
Abrirão, dentro d'elle, em vividos listrões.
O tecto será como as noites estrelladas ;
Triglyphos, capiteis, columnas rendilhadas
Alvas como cecens, nervosas como abraços,
Encherão de grandeza e magestade os vastos
Salões phenomenaes, varridos de estilhaços
De Sol ! Serpearão, nos corredores, rastos
Fugitivos de sombra aonde estatuas brancas
Hão de esconder a sua esplendida nudez.
As portas vergarão, abertas, claras, francas,
Ao peso de trophéos mais bellos que os dos reis.
O porphyro vermelho, o marmore leitoso,
O candido alabastro, o rigido granito,
Abundarão no corpo ingente e radioso
Desse amplo Pantheon, como em um monolitho
Assyrio hão de abundar os rudes cuneiformes !
Todas as immortaes e todas as enormes
Almas que tenham tido a intuição do Bello,
No moimento soberbo hão de habitar !

“E ao vel-o,

O' homem de Canstadt, ó raça inicial !
Teus posterios terão deslumbramento igual
Ao que tu sentes hoje em frente á natureza
Fecunda, colossal, circumvolvente, acceza
Nos estos da materia em movimento e em pompa!"

.....
.....

E qual uma estridente e alarmadora trompa
Que rasgasse a amplidão em notas victoriosas,
Da Arte a bronzea voz sonorizou o espaço.

O labor começou. Timidas, vagarosas,
Pozeram-se á nascer as creações. No baço
E rouvinhoso olhar do proto-homem viu-se
Ondear um clarão devinatorio. Abriu-se
A rude *psyché* do nosso antepassado,
E um bando de emoções ruidoso, alvoroçado,
Sahiu della, assim como abelhas da colmeia !

Construcções do granito e construcções da Idéa
Surgiram pouco á pouco.

E da choça de palha,
Da cabana de colmo e da casa lacustre,
Das dansas sensuaes no bosque que farfalha,
Dos cantos imbecis onde não boia o lustre
Da poesia vivaz que transfigura as cousas ;
Passou-se á remover enormissimas lousas
Para fazer Babeis, e passou-se á riscar
Com o diamante Illusão este vidro sem par
Da existencia !

Elevou-se, altiva, Babylonia ;
O templo de Diana encheu de sombra a Ionia,
E o *Mahabarata*—um astro!—encheu de luz a Asia.
Fabricou-se na terra encantada de Aspasia
O Jupiter Olympeo, e creou-se tambem
Aqui o *Nibelung* e o *Ramayana* alem.
Affrontaram o céo pyramides agudas ;
Dólmens phenomenaes, torres de pedra mudas
Sitiaram a terra. Erigiu-se o pharol
De Alexandria,—um sol espiando o outro sol !—
As muralhas da China, o colosso rhodiano,
O grego Parthenon e o *Forum* de Trajano,
Kremlin, a cathedral formosa de Florença,

Alhambra, o Coliseu, a Basilica immensa
De São Pedro e a Torre inclinada de Pisa,
O Palacio de Cyro aonde o ouro, á guisa
De cal, os muros cobre ; o Louvre, o Escurial
Versailles e por fim Notre-Dame, a immortal ;
—Surgem—visões de pedra !—em cima das cidades
Vêm parallelamente, assombrando as edades,
Os bons, os geniaes e os rútilos poemas :
A Epopéa, fundindo as coleras supremas
E as supremas accções, engendra um dia a Iliada
E outro dia a *Odysseá*—esta robusta Dryada
Que habita e que domina a sagrada floresta
Da Poesia !

E depois . . . succedem-se os assombros:

A Italia divinal agita a loura testa
E, como Atlas, toma em cima dos seus hombros
Estes dois céos : *Eneida* e *De rerum natura* ;
Tasso e *Jerusalem* apparecem na alvura
Infinita da Gloria. A *Divina Comedia*
—Carro á fulvos corseis, guiado pela rédea
Da translucida Fé aos reinos dos mysterios—
Deslumbra a multidão e atravessa os ethereos

Páramos ideaes da Rima e da Harmonia !...
Afinal, como um sol purpureo que alumia
Uma nesga do azul, com brilhos em myriadas,
Alteia-se estuante o corpo dos *Lusiadas* !

.....
.....

*
* *

Fechado o heroico cyclo, o epico estadio,
Levanta-se veloz, fluente como um rio,
O correcto perfil da musa do Classismo.

O cahotico, eterno, ensanguentado abysmo
Das humanas paixões, abre, escancara a bocca,
E faz ouvir a voz sombriamente rouca
Na concava amplidão, palpitante de sóes.

Canta-se Athenas, Roma : a antiguidade. Heróes
Talhados pelo molde anthropomorphy, agitam

As tunicas no ar. Os seios não palpítam
Senão pela rijeza olympica da Fórma
A' revestir acções phenomenaes. A norma
E' jungir á Emoção a magestade grega,
—Magestade pagan, cuja grandeza céga!

De Milton a Boileau, de Delille á Molière
A Poesia espaneja a coma rosicler
Sob polvilhações de gloria. Shakspeare
Como o Othelo febril, sombrio como o Lear,
Faz d'um immenso genio um immenso escaphandro,
E radioso, indomado, á ouvir como Leandro
Em derredor de si bramir a glauca esteira,
Mergulha, desce, vae, como flecha certa
Tactear esta rocha—o coração humano,
Rocha estratificada em meio do oceano
Denominado Vida ! A Tragedia sacode
Sua purpura ao céo, n'um rythmo de ode
Guerreira, e vêm a andar cadenciosamente
Racine e mais Voltaire, Corneille e toda a ardente
Turba que os viu de perto !.....

Chega depois nervosa, ideal e desvairada
A cohorte febril do Romantismo.

Estrada

Grande e cheia de sol rasga, luzindo, o espaço,
E convida á marchar, á dirigir o passo
Do lado da cidade ogival, ignota,
Onde a flor da ternura ingenuamente brota
Entre lavas de fé e brilhos de armaduras.

Frontes nuas, pés nus, chlamydes brancas, puras,
A' beijar-lhes o corpo, internam-se os poetas
Pelo novo caminho eriçado das settas
Fulvas, que a vastidão—este carcaz—dispara !

Passa Goethe primeiro. Um turgido escarcéo
De lagrimas soergue a alma extensa e clara
Da Europa secular. O *Werther*, como um céo,
Suspende em seu engaste as crystalisações
Do Sentimento. O amor, o eterno amor borbulha,
Como em vermelho forno uma onda de hulha,

E sobre os corações desce uma nuvem de ouro
Estrellada de pranto !

Edenicás visões,
Delirios sensuaes tendo o vigor de um touro,
Phantasias sem fim, nevralgicas, ethereas,
Doudas quaes legiões de meninos em ferias,
Espalham-se no azul em tremulas espiras.
Gessner, Florian, ternos, vibrando as lyras,
Apparecem ao sol com guirlandas de rozas,
Colmados de laureis e de ancias amorosas !
Seguidamente vem a intrepida phalange
Em que surgem viris, fortes como um alphange,
Vigny, o scismador ; Chateaubriand, o crente ;
Lamartine, o condor de aza pura e plangente ,
Byron, o luminoso espirito sensual ;
Espronceda, em que geme um sombrio ideal ;
Ulhand, o evocador das fadas mediévas ;
Heine,—um eterno riso estilhaçando trevas ;
Musset—solução enorme em rythmo divino ;
O ingenuo Beranger ; Baudelaire, o ferino,
Que em vez de coração, no peito tem um charco

Victor Hugo, o immortal, craneo que vale um marco
Na estrada azul do Bello ; o assombro feito poeta ;
Banville, o phantasista, e Gauthier, o athleta
Da rima sensual, rica, emperlada, viva ;
O correcto Barbier, e Leconte de Lisle,
Esse frio cantor que deixa que desfile
A' seus pés, de vagar, todo o ideal antigo!.....

—E' um cortejo de sóes, digo, á scismar, comigo.

*
* *

ARTE ! Mulher lyrial, creatura encantada,
Emanação do sol, filha de uma alvorada
Com algum semi-deus da velha Grecia heroica,
—Eu saúdo-te ! Tu, que honradamente estoica
Tens sabido guardar na epiderme de opala
A frescura da flor que um lago manso embala
E a rijeza cruel de uma lamina aguda ;
Tu, que eu compareo a uma elctrica Amazona

Cheia de força agreste e de belleza muda
A' rasgar, em corsel phantastico, esta zona
Onde a vegetação dos ideaes rebenta
Apopletica, em luz, gloriosa, febreuta ;
Tu, que és a poderosa e a plastica expressão
Desta vida inteirior que vive o coração
Humano, e que reflecte em nossa intelligencia
Como nuvem no mar ou um bem na consciencia ;
Tu, que tens por tarefa interpretar o mundo
Colorindo-o de azul, com a tinta do profundo
Iris das illusões e da Utopia louca ;
—Tu has de, para mim, ser sempre a immorredoura
Fonte desta alegria e bravura serena
Que dormem no meu seio e fazem-me da penna
Um florete lavrado, em cuja folha canta
A corda de uma harpa heroicamente santa !

Come tu has lutado, estranha creatura !
E como tens soffrido ! Essa pupilla escura
De certo viu morrer Chatterton, Malfilatre,
—Almas presas á dor, corpos presos ao catre—

Viu Homero esmolar sem sandalias nos pés,
Viu ir á guilhotina o poeta do *Hermés*,
Viu a prisão de Tasso, o exilio de Camões,
Viu Gerard de Nerval buscando as solidões
Dos beccos de Pariz para enforcar-se, viu
Os martyrios de Hugo !...E que pranto cahiu
Do teu radioso olhar amplo, amoroso e quente
Sempre que elle encontrou esses males em frente !

Mas, Arte, o teu valor não se verga jamais !

Como um remo que scinde uma onda, tu vaes
Rija, tersa, feliz, correndo o globo inteiro :
Plantando aqui, colhendo alem, sorvendo o cheiro
Limpido e matinal dos jardins enflorados ;
Visitando não só as almas como os prados ;
Sentindo ao mesmo tempo as paixões explosirem,
Os vicios bestiaes cynicamente abrirem
As corollas crueis nos caules affrontosos,
E os vergeis tropicaes, os pomares seivosos,
Rirem, na luz do sol, verdes como absyntho !

Neste momento eu vejo um deslumbramento cinto
De idolatras, á pôr no teu busto sagrado
Uma nuvem de incenso oloroso e nevado.
São, de um lado, os viris e honestos portadores
Das fecundas lições, dos sonhos e labores,
De Balzac, o esculptor deste marmor—*Goriot*,
E do outro lado são os craneos em que andou
A alma de Lucrecio inspirando a valente
Intuição sem par da Poesia que sente
O sopro da Sciencia entumecer-lhe o peito.

Diviso, então, no ardor do religioso preto :
Flaubert, Zola, Daudet, os Goncourt,—a pujante
Pleiade fraternal, austera e trovejante
Dos moderuos, dos bons espiritos geniaes
Que já não vão correndo, erradios, atraz
Da sereia fatal dita Imaginação
Ou Phantasia, e têm no sensorio a visão
Nitida do Real e da Verdade. Alem
Vejo Coppèe, Lefèvre, Stupui, Bartrina,
Berthesène, Sully. E em meio do vai-vem
Das novas odes vejo o busto da heroina

Akerman, redourando o *Prometheu* !.....

.....

O' Arte !

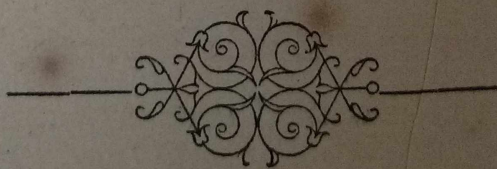
Vamos ! E' despregar as azas do estandarte
E seguir ! Deves ser, em tua enorme faina,
Como vela de náó, que, emquanto não amaina
O vento, arqueia o bojo e desafia a vaga.
Não importa sentir a maldição e a praga
Da Rotina boçal, que ás tuas plantas ladre !

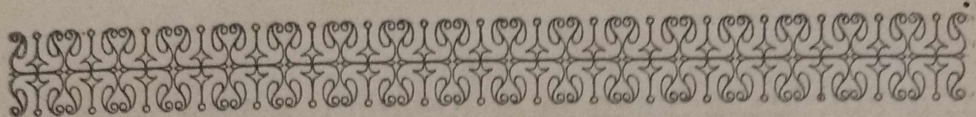
Tens muito que explorar. Tudo quanto se enquadre
Na larga *psyche* da Humanidade,—deve
Ser p'ra ti um pharol radiante que te leve
Ao paiz do Ideal !

Desde a perola—pranto
Até o riso—flor, até o perfume e o canto ;
Desde o infante gracil até o heróe ferido ;
Desde um eterno amor até o amor vendido ;
Desde a marcha dos sóes até a das edades ;
Desde o progresso humano até as claridades

Nervosas do luar ; desde as paixões serenas
Até o Odio e a Dor—negros como gehenas ;
Desde um seio de amante e um regaço de esposa
Até o vegetal que junto de uma lousa
Cresce, na seiva má do barro funerario ;
Desde um fio de azul e desde um nectario
Até a casta luz do astro da Verdade ;
Desde a Gloria immortal, a Bravura e a Bondade
Até a planetaria irradiação da Sciencia...
—Tudo deve attrahir a doce transparencia
Do teu fulgente olhar meditabundo e puro !

ARTE ! Em teu ventre cresce este feto—o Futuro !





*
* *

Quando as quatro *Visões* se esvaeceram, sombra
Infinita e ruim, dessa que opprime e assombra,
Amortalhava o céo, o espaço, a terra, o mar.
Noite opaca e sem fim ! Entretanto, no ar,
Ao silencio brutal que amordaçava tudo,
Eu julguei perceber um echo heroico e rudo,
Como de voz transpondo uma garganta de aço !
E o echo illuminou-se, e a voz se fez pedaço
De sol ! Incendiou-se a treva de repente,
E eu vi que junto a mim, na fulgurosa enchente,
Cada raio de luz era uma bocca de ouro
A' cantar, á cantar, em victorioso côro,
A solidariedade humana,—a convergencia
De toda Actividade e toda Intelligencia !

E a Politica, a Sciencia, a Religião, a Arte,
Iam, entre os clarões, rubras como o deus Marte,
Entoando um *Te-Deum* á eterna Humanidade.

—*Te-Deum* feito de Fé, de Amor e de Verdade!

